

Uma análise crítica da utopia na teologia de Inácio Ellacuría

Carlos Javier Vidal Guerrero ¹

Resumo: Utopia tem sido um conceito presente no pensamento latino-americano, uma ideia insistentemente visitada pela teologia da libertação. Portanto, a partir de uma seleção de textos teológicos de Ellacuría, procurou-se em que medida esta teria estado presente. Tal estudo crítico, se inspira na resposta do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz à Congregação da Sagrada doutrina da Fé, reconhecendo a utopia como um termo oposto ao cristianismo. Assim, alguns questionamentos visitados são: acaso a categoria de Reino de Deus de Ellacuría é realizável como no Cristianismo? Ou, sendo mais ousado, será possível falar de Utopia-cristã?

Palavras-chave: Utopia. Reino de Deus. Cristianismo. Teologia. Ellacuría.

Abstract: Utopia has been a concept present in Latin American thought, an idea insistently visited by liberation theology. Therefore, from a selection of theological texts by Ellacuría, it was sought to what extent it would have been present. Such a critical study is inspired by Henrique Cláudio de Lima Vaz's response to the Congregation of the Sacred Doctrine of the Faith, recognizing utopia as a term opposite to Christianity. Thus, some of the questions visited are: is Ellacuría's category of Kingdom of God feasible, as in Christianity? Or, being more daring, is it possible to speak of Christian Utopia?

Keywords: Utopia. God's kingdom. Christianity. Theology. Ellacuría.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, a categoria “Reino de Deus” é trabalhada por Ellacuría sob o enfoque teológico. Acena-se, com particular atenção, para o atrelamento dessa categoria –Reino de Deus- à expressão teológica cunhada por Lima Vaz: “paradigma utópico”. Em alguns textos de Ellacuría entre, os idos 70’ e 80’, reconhece-se por meio da hermenêutica a centralidade do “Reino”. Portanto, será tratado como uma categoria que se constitui um eixo articulador da reflexão teológica com a realidade.

Contudo, o problema aprofundado consiste em que o nexos, seja implícito ou explícito, entre “Reino e Utopia”, pode comprometer a Soteriologia Cristã, quer dizer, a realização do mistério Pascal de Jesus na história. Neste sentido, é pertinente adiantar que, na teologia de Ellacuría se resgata a compreensão cristológica do Concílio de Calcedônia: Afirma-se que

¹ Carlos Javier Vidal Guerrero nasceu em Valparaíso, Chile. Foi bolsista da FAPEMIG e foi orientando do Prof. Dr. Eugenio Rivas em sua iniciação científica, concluída em 2017, como estudante de Teologia. Seu plano de trabalho esteve vinculado ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado “Utopia e Teologia Latino-Americana”, dentro grupo de pesquisa “Teologia e novos paradigmas”. Carlos é graduado em Filosofia pela Universidad del Salvador (Buenos Aires, 2013) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) (Belo Horizonte, 2017). Atualmente mora em Belo Horizonte e pesquisa sobre questões relativas à Espiritualidade cristã na pós-modernidade. E-mail do autor: cjaviervidalg@gmail.com

todo ato Divino em Jesus torna-se humano e, ao mesmo tempo, todo ato humano, Nele, é Divino, [paradoxalmente], sem confusão nem separação. As abordagens teológicas analisadas e desenvolvidas deste teólogo Latino Americano vão desde o ano de 1978 até as últimas consequências no ano 1989, quando o compromisso teórico e prático finda com o assassinato do teólogo.

Entretanto, pretende-se analisar em que medida seria possível identificar a presença do paradigma utópico criticado por Henrique Lima Vaz em 1984. Esta crítica advertia que, a presença deste elemento na teologia da libertação não seria adequada no discurso teológico, já que se trataria de um termo não cristão. Para o Pe. Vaz, “as categorias nas que se baseiam as formas extremas da utopia secularizada, seriam estruturalmente ateias por serem marxistas, e esses traços vincariam mais profundamente a oposição entre utopia e Cristianismo” (VAZ, 1984, p.5). Por outro lado, no sentido amplo da utopia, encontra-se uma “ideia reguladora” em sentido kantiano. Isto é, que “as condições da sua realização não podem ser deduzidas da realidade empírica à qual se opõe o ideal utópico” (VAZ, 1984, p.11).

Desta maneira, a utopia logicamente contradiz uma questão fundamental da teologia lembrada pelo Pe. Vaz:

O Reino de Deus se realiza desde já no aqui e no agora do devir histórico, não no pensado ou construído a partir dele, mas pela graça crística que procede do evento teândrico da Encarnação que transforma radicalmente, em princípio, a existência histórica de seus atores e estruturas. (VAZ, 1984, p.14)

Considerando essa constante tensão, este trabalho analisa criticamente a presença e ausência do paradigma utópico nas categorias desenvolvidas nos escritos teológicos de Inácio Ellacuría, assim como os vínculos que se estabelecem com algumas de suas categorias, especialmente com “Reino”.

Enfim, a constante tensão que existe com relação ao caráter ideológico² e aos princípios filosóficos com que se compreende a teologia de Ellacuría, reconhece-se que a utopia tem uma presença implícita no começo da sua reflexão. Por outro lado, sempre na tensão de suprimir tal separação entre história e o projeto teológico ou meta-história.

Neste sentido, sugere-se que a utopia faz parte intelectual deste momento ideológico prévio da “práxis eclesial”, quer dizer, do que ainda não existe, mas que ao mesmo tempo possibilita a passagem para as mudanças de uma proposta teológica transformadora. Assim, pode dizer-se que, cada vez que se fala de utopia na teologia de Ellacuría, expressa-se um momento reflexivo inicial ou inspirador, o qual conforme a crítica de Lima Vaz, em alguma medida, sim poderia ser caracterizado como desprovido da tensão ou união da escatológica cristã. Em síntese, na tentativa de elaborar uma teologia transformadora das injustiças e

2 Refere-se ao texto que declara os princípios filosóficos da sua teologia em: ELLACURÍA, Ignacio. *Escritos teológicos Vol. I*. San Salvador: UCA Editores, 2000. Pp. 163-186

anunciadora do Evangelho de Jesus Cristo, paradoxalmente tirar-se-ia o Reino de Deus para fora da realidade histórica. E, com isso, transformá-lo-iam numa simples ideia sem concreção histórica por si mesma, mas direcionada a uma transformação real das realidades de injustiça social.

Constatado isto, na pesquisa acena-se uma inerente e evidente tensão entre a teoria e a realidade conturbada em que se dera sua reflexão, já que a teologia do nosso autor iria se expressar em termos e considerações de ordem política e, com uma respectiva exigência de coerência entre o discurso e a ação da experiência de Deus. Enfim, entre o que se diz sobre Deus e o que se faz no seu nome dentro da *polis*. Esta condição, talvez considerar-se-ia como um limite a esta utopia inicial, a fim de motivá-la a constituir-se na realização da passagem para a realidade histórica do que primeiro foi proposto como utópico. De fato, “para esta teologia pretende-se considerar em primeiro e último termo os condicionamentos históricos, pois, mais do que a originalidade teórica procura-se uma eficácia histórica” (ELLACURÍA, 2000a, p.277).

1.1 HIPÓTESE DE TRABALHO

Por fim, uma hipótese geral de trabalho consiste, primeiramente, em aceitar a ambiguidade da presença e ausência do paradigma utópico no uso que os termos ‘utopia’ ou ‘utópico’ têm em Inácio Ellacuría. Tal brecha ou ambivalência conceitual é que faz plausível esta hipótese, já que, embora exista um uso implícito e explícito do conceito da utopia, na teologia do Reino de Deus esta não teria ficado presa à sua própria constituição ateia³, já que tal utopia deveria de pôr em movimento a realização concreta deste projeto do Reino. Ou seja, não poderia ser compreendida como um mero *a priori* do discurso sobre a realidade.

2 ELLACURÍA E A ‘UTOPIA’: A PASSAGEM DO NÃO REINO DE DEUS À REALIZAÇÃO DESTA

É conveniente que o ponto de partida deste texto estabeleça aquilo que em Ellacuría se compreende por ‘utopia’, a fim de concluir em que medida existe ou não a presença do paradigma utópico segundo a crítica de Lima Vaz. Para isto, consideram-se os esclarecimentos expressos pelo teólogo centro-americano: “Utopía y profetismo desde América Latina. Un ensayo concreto sobre soteriologia histórica” (ELLACURIA, 1990, p.393-442). Onde o horizonte soteriológico e histórico do seu pensamento, seria a realização do Reino de Deus.

Embora haja explícita união entre a profecia e a utopia, um dos aspectos que Inácio Ellacuría considera para definir ‘utopia’ é a ambivalência do termo, pois este seria, ao mesmo tempo, tanto história como meta-história (Cf. ELLACURIA, 1990, p.394). Portanto, seria uma meta-história, nascida da história, mas para além desta, porquanto que também se

3 Segundo palavras de Lima Vaz.

orienta no futuro da mesma, seja por fuga do passado, ou bem por realização de mudanças no presente dela. Por tal razão, compreende-se a ‘utopia’ não como uma categoria epistemológica, mas como um horizonte (Cf. ELLACURIA, 1990, p.395) de historicidade, o qual, sempre que seja cristão, deveria permanecer na tensão dialética junto com a profecia.

Além do mais, conforme este desenvolvimento se compreende que existe uma utopia cristã, porém há uma que não seria tal. Esta consideração tem a ver com a necessidade de não reduzir a utopia a um mero formalismo ou reducionismo subjetivo (Cf. ELLACURIA, 1990, p.397), já que a caracterização cristã por excelência viria a ser a concretude da Salvação de Jesus Cristo. Essa questão, em Ellacuría, baseia-se no esforço por fazer real o Reino de Deus, ou seja, que “[...] a utopia cristã é operativa para a historização do Reino de Deus” (ELLACURIA, 1990, p.399).

A ocorrência do termo ‘utopia’, nos textos selecionados de Ellacuría, compreende uma intencionalidade dialógica entre duas partes: entre qualquer discurso teológico e a realidade sociopolítica em que se insere. Nesse sentido, este trabalho pretende fazer uma abordagem de alguns aspectos históricos em que é mencionada a utopia, para logo compreender os conceitos teológicos envolvidos nela, e especialmente para distinguir aquilo que se aproxima do paradigma utópico criticado por Lima Vaz.

3 CONTEXTO HISTÓRICO EM QUE SE DEU A REFLEXÃO

O contexto em que se dá o ponto de partida da reflexão de Inácio Ellacuría é a situação entre fins dos anos 60 e 80 em “El Salvador” na América central. Além dos sucessivos governos militares, que antecederam e precederam a década dos anos 70, acrescentou-se uma pressão externa da revolução cubana e sandinista na Nicarágua.

Portanto, com os militares salvadorense acontecera uma reação política contrária ao interesse dos países vizinhos, e como em muitos outros lugares, respaldada pelas oligarquias econômicas e os interesses hegemônicos dos Estados Unidos. Ademais, o movimento camponês foi-se fortalecendo neste desconforto social (*stasis*), sendo um lugar propício para o surgimento das guerrilhas armadas de esquerda.

No entanto, a Igreja e a presença da Companhia de Jesus neste país associaram-se relativamente à teologia da libertação junto com a inspiração do Concílio Vaticano II e a sua concreção de Medellín. Isso coincide como o que, para Lima Vaz, marcou o ponto de inflexão entre uma *pré* e pós-história da teologia da libertação:

“[...] num momento qualquer, que deve situar-se entre 1965 e 1969, entre o fim da Ação Católica e a Igreja pós-Medellín, a utilização de algumas categorias básicas da teoria da história e, em primeiro lugar, da teorização marxista da sociedade de classes, passou a predominar na expressão conceptual do ver e julgar dos militantes cristãos” (VAZ, 1984, p.9).

Logo depois, reafirma-se conforme uma releitura feita por Ellacuría em dois textos: Primeiro em *Pobres* do ano 1983, onde ele reconhece a abertura e novo foco do Concílio Vaticano II na teologia. Mesmo que também trouxe alguns limites, em vista de que foi um concílio mais pensado desde a perspectiva dos países ricos e ocidentais, os que se bem conferem aos pobres um lugar teológico universal, como assim se expressa primeiro em: “Só uma densa frase na descrição das misérias na Constituição apostólica *Gaudium et Spes*” (ELLACURIA, 2000b, p.173).

Por isso que, em um segundo texto deste mesmo ano, *El auténtico lugar social en la Iglesia*, resgata-se a intenção implementadora que a reunião do CELAM explicitou em Medellín. Enfim, seria aqui onde se corrigiria esse limite do universalismo primeiro mundista observado no último Concílio:

“Como quiera que si el Vaticano II fue recogido por Medellín, donde realmente se hizo presente el tercer mundo en su auténtico tercermundismo. En Medellín sí la realidad y la verdad de la historia latinoamericana, convertidas en auténtico lugar teológico, se convirtieron en pregunta fundamental, a la cual trataron de responder los obispos del continente, desde la luz del evangelio y desde la renovación del Vaticano II. Pero esa renovación fue ahora más radical y profunda, fue más concreta y comprometida, precisamente porque ya no se trataba del mundo sin más, sino del punzante y doloroso mundo que es el tercer mundo, como representante de la mayoría de la humanidad.” (ELLACURIA, 1990, vol.I p.449)

A partir deste viés eclesiológico, na América latina, vai-se compreender a coerência do desenvolvimento teológico de Ellacuría em três textos dos anos 1977, 1985 e 1990⁴. Neles, os pobres conferem o lugar teológico da missão salvadora à Igreja de Jesus Cristo (Cf. ELLACURIA, 2000b, p.453-485). Fazendo desta maneira, a toda ação teológica e pastoral se configurasse com uma forte presença no mundo camponês. Mergulha-se na miséria e na pobreza e se é esmagado pela violência entre os grupos radicais das guerrilhas de esquerda que enfrentavam o governo e os militares que estavam no poder.

Inácio Ellacuría chegava pela primeira vez em El Salvador no ano 1949, e definitivamente no ano 1968, realizando, entretanto, seus estudos de filosofia no Equador e a teologia em Innsbruck, para finalmente especializar-se em Madrid com Xavier Xubiri. Ao chegar, encontrou-se com um país convulsionado e com uma situação social de muita tensão pela reforma agrária que tentava implementar-se. E por uma série de reformas que ao longo dos 70’ levariam à criação de um tecido social polarizado entre ricos e pobres, com uma excessiva violência e injustiça que marcariam o ritmo da realidade dos 80’.

4 Foi publicada postumamente junto com Jon Sobrino.

Com relação a esse contexto, ressalta-se a grande capacidade de análise social que primeiro na sua gestão universitária demonstraria a partir das ações dos *escuadrones de la muerte*. E que também voltaria a fazer no ano 1986 no texto *Factores endógenos del conflicto centroamericano: crisis económica y desequilibrios sociales*:

1. Embora El Salvador tenha tido um crescimento econômico médio de 4,6% (1950-1955), 4,7% (1955-1960), 6,8% (1960-1965), 4,5% (1965-1970) e 5,2% (1970-1978), no final da década de 1970 um 68% da população encontrava-se em estado de pobreza, e 50,6% vivia em estado de extrema pobreza;
2. Entre 1965-1967 e 1974, a participação dos 20% mais pobres da população na renda total de El Salvador diminuiu de 3,2% para 2,8%. Por outro lado, a participação dos 20% mais ricos passou de 38, 1% para 66,4%, no mesmo período.
3. Em 1979, sessenta grupos familiares controlavam 57,2% de todas as empresas privadas e 84% do capital de El Salvador; aos demais grupos e indivíduos tocavam 42,8% das empresas e 15,5% do capital. Com relação à estrutura da propriedade, 76 proprietários (0,2% dos proprietários) controlavam 15,7% do capital total, enquanto 12. 652 proprietários (37, 2% do total) detinham apenas 4,53% do capital
4. A situação se agravou enormemente no período da guerra civil, com a progressiva queda do PIB nacional por habitante + 13% (1970-1974), + 8% (1975-1979) e -34, 8% (1990-1984). Neste período, o poder aquisitivo real dos salários, sobretudo dos trabalhadores do setor agropecuário, diminuiu enormemente. Em comparação com o salário em 1970 (100%), que já era baixo, diminuiu para 82,9% em 1980 e para 57,9% em 1984. Apenas em alguns serviços sazonais (colheita de café e açúcar, algumas indústrias agrícolas) houve uma melhoria salarial em relação a 1970. (ELLACURIA, 1991, p.139)

Em resposta, perante a esse conturbado e complexo cenário social, houve um resurgimento dos movimentos populares organizados, especialmente, a partir dos anos 1970, após um tempo de silêncio, desde a matança de 20.000 camponeses no ano 1932.

Neste contexto, vai se desenvolver uma presença desta Igreja do Vaticano II e Medellín, sobre a qual anonimamente Inácio Ellacuría escreve no ano 1978, a modo de comentário histórico e teológico, em que os pastores desse tempo tinham publicado sobre esta temática, a saber: a carta pastoral dos Mons. Romero e Riveros, e a declaração dos Mons. Aparicio, Barrera, Alvarez e Revelo, sobre a “Federación Cristiana de Campesinos salvadoreños” e a “Unión de Trabajadores del campo”. O miolo deste texto seria a verificação histórica do projeto salvador de Jesus Cristo (Cf. ELLACURIA, 2000b, p.681-685). É um projeto que não consiste em um manifesto político, a pesar de ter certo teor presente tanto na ação eclesial e pastoral, na medida em que a Igreja vai envolvendo-se no contexto e no concreto da história.

Para Ellacuría, por causa desta dimensão histórica da soteriologia, a Igreja deve defender e associar sua ação e reflexão teológica a estas organizações sociais, especialmente no momento histórico de “El Salvador”. Neste sentido, a tese defendida pelo autor em questão é a seguinte: “As maiorias oprimidas são o resultado da violência institucionalizada, e as organizações populares são uma das saídas fundamentais dessa violência” (ELLACURIA, 2000b, p.685).

Sugere-se, pois, que o ponto arquimédico para compreender o porquê deste início utópico de seu pensamento, para transformar a realidade ameaçante e injusta, primeiro há de se procurar um suporte que possibilite uma saída desta mesma. Os alcances disto são complexamente: políticos, éticos e teológicos, na mesma história.

4 QUANDO ELLACURÍA SE REFERE À UTOPIA.

Neste ponto, em que já se tem expressado o contexto, pode acenar-se a presença do paradigma utópico a partir do conflito entre: o sujeito que faz teologia, e aquele mundo ao redor em que ele mora. Para Ellacuría, no contexto da violência institucionalizada, as organizações políticas e populares foram uma saída deste sistema. Tal dinamismo formal, reconhecível no âmbito sociológico e político, parece também ter sido reproduzido pelo seu fazer teológico.

Neste sentido, no primeiro momento formal da sua teologia, há uma ocorrência do paradigma utópico⁵. Porquanto que, perante esta realidade ameaçante em que estava refletindo o teólogo, a única maneira de encontrar um refugio da razão veio através de uma abstração e idealismo fora da história tão terrível, quer dizer, um sem lugar na história ou ‘utopia’.

O tempo em que se observa uma espécie de inclusão semântica da utopia é, entre finais dos anos 70’ e 80’. Aqui se percebe uma opção pelo paradigma utópico como ponto inicial da sua reflexão, pode situar-se primeiro implicitamente no escrito já citado anteriormente, que foi publicado pela revista ECA 359 no ano 1978: “La Iglesia y las organizaciones en el Salvador”.

E logo em uma ocorrência mais bem explícita no seu último texto, uma conferência ministrada no dia 6 de novembro de 1989 no salão do centro do *Ayuntamiento* em Barcelona na Espanha. O motivo deste foi o Prêmio Internacional Alfonso Comín, onde se lhe reconhece à UCA sua grande contribuição cultural em El Salvador, apesar das difíceis circunstâncias neste país, e especialmente pelo compromisso com a justiça para com os oprimidos e empobrecidos na América central e no continente latino-americano.

Além disso, considera-se pertinente a contribuição que Kant fez na sua *Crítica do juízo*, porquanto que nela descreveu-se este dinamismo transcendental da razão quando a realidade se tornara ameaçante. Em outras palavras, no sentimento do sublime, percebe-se uma

5 Conforme com a crítica de Lima Vaz citada na introdução.

razão refugiada da agressão para não perder a liberdade incondicional do humano, neste caso, do camponês ou de qualquer outro rosto sofredor.

Em vista de todo o cenário social em que se situa, o ponto de partida de Ellacuría é agressivo. Observa-se na ocorrência implícita e explícita do paradigma utópico, não como opção, senão como uma necessidade da razão que quer propor uma teologia que visa o Reino de Deus, mas que, nesta tentativa, deve apoiar-se em um primeiro momento nesta formalidade desencarnada:

O juízo tem um princípio a priori para a possibilidade da natureza, porém, somente na relação subjetiva, em si, e por meio da qual se formula a lei, não se converter imediatamente a natureza, senão primeiramente ao sujeito mesmo que reflete sobre ela (KANT, 1977, p.85).

O sublime, segundo Kant, consiste em uma ponte entre a sensibilidade e o entendimento, ou bem, a possibilidade de não perder a moralidade, quando o contexto se torna violento. Questão que talvez, analogamente comporta uma semelhante estrutura metodológica com o pensamento de Ellacuría nesta teologia que fala da ‘utopia’ no começo da chegada em El Salvador, e até o final da sua vida:

Nossa contribuição universitária pretende ante tudo contribuir nesta luta histórica [...] requere finalmente uma grande coragem, neste país onde as armas da morte explodem muito frequentemente na mais ameaçante das proximidades. [...] O que ainda fica pendente ainda é muito. Somente utópica e esperançosamente você pode crer e ter animo para tentar com todos os pobres e oprimidos do mundo reverter a história, muda-la e lança-la noutra direção. (ELLACURIA, 2000a, p.365)

Enfim, acha-se que a presença do paradigma utópico compartilha a mesma realidade, e, de fato, se relaciona com o dinamismo dos movimentos sociais, no sentido em que estes, perante a realidade crítica e violenta, procuravam um ideal que os voltaram para a transformação da mesma sociedade. Tal aspecto teria muita semelhança com a definição da utopia como meta-história para transformar sua história originária (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.234), e que eclesialmente se traduz em encher do sentido salvífico de Jesus Cristo a realidade. Questão que Ellacuría até chegaria a expressar explicitamente assim: “A negação superadora do profetismo gera o sim da utopia em favor da promessa” (ELLACURIA, 2000a, p.252).

5 UTOPIA E REINO DE DEUS

Chama atenção a estreita relação que se encontra entre Utopia e Reino de Deus. Por tal razão, sugere-se que a ocorrência implícita do paradigma utópico no termo ‘Utopia’ tem seu

fundamento na realidade hostil em que a reflexão de Ellacuría está realizando-se e procurando transformá-la, assim como o Reino se faz agora, mas ainda não.

Ora, a relação desta com o Reino de Deus se acha particularmente no texto: “La Iglesia de los pobres, sacramento histórico de liberación”, o qual foi progressivamente sendo publicado e modificado em três oportunidades⁶: no ano 1977 na revista ECA, logo no ano 1984 na editora *Sal Terrae* com o nome “Conversión de la Iglesia al reino de Dios para anunciarlo y realizarlo en la historia” (ELLACURIA, 2000a, p.453). E finalmente de maneira póstuma no ano 1990 em *Mysterium libertationis*.

Estas datas de publicação marcam e perpassam os anos em que Ellacuría desenvolveu sua obra, porquanto que sistematizam o conjunto de termos que conformam o fundamental da sua teologia da libertação: que a salvação anunciada pelo Reino de Deus deve estar na tensão de ser para além deste mundo e, ao mesmo tempo, visar sua construção no concreto da história.

Neste texto, inferem-se três momentos sucessivos que perpassam a teologia: um histórico injusto, um teórico utópico, e, finalmente, um histórico transformado; mostrando-se no meio ao paradigma utópico que articula, o sem sentido do primeiro com a realização da salvação na história que vem.

Portanto, além de justificar-se uma metodologia temporal no pensamento de Ellacuría, verifica-se que o ponto de início da sua teoria é na realidade histórica, inserindo desta maneira a questão do profetismo no relato da práxis eclesial envolvida. Enfim, se assinala a obrigada integração do Reino de Deus no marco teórico-real em que é desenvolvido.

Segundo Ellacuría, a teologia da libertação se compreende a si mesma como reflexão da fé sobre a realidade e a ação histórica do povo de Deus, que segue a obra de Jesus no anúncio e na realização do Reino (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.453). Desta maneira, acha-se suposta uma visão eclesiológica, no sentido em que o Povo de Deus seria a Igreja que, no seu agir faz progredir na história aquela salvação que Deus já consolidou definitivamente com o Dom de Jesus Cristo. Esta imagem eclesial, já estaria visando aquele último momento que foge da teoria, introduzindo a Salvação na história, quer dizer, na comunidade de fé provada e situada *a posteriori* da utopia. Enfim, uma ocorrência implícita, mas transitória da ‘utopia’.

Teoricamente, Ellacuría já teria realizado o trânsito do contexto de perseguição à teologia, [a possibilidade do Dom que se apresenta na realidade histórica como negação ou transformação da situação de injustiça]. A abstração da história abre a uma teologia que pela fé impulsiona uma práxis eclesial da construção do Reino, que claro, exige agir conforme o Dom de Deus: “[...] o reconhecimento desse Dom, apresentado como negação das necessidades quando, desde esse mesmo Dom, estas apareçam como negação do Dom de Deus da doação mesma de Deus aos homens”. (ELLACURIA, 2000a, p.555)

6 Refere-se ao texto publicado em: ELLACURÍA, Ignacio. *Escritos Teológicos Vol. I*. Pp. 453-486

Assim, sugere-se um possível risco desta ocorrência implícita do paradigma utópico na teologia do ‘Reino de Deus’, sempre que esta parece compreender-se como uma questão da ordem onto-teológica cristã. Isto quer dizer que ela fica expressa para além da nossa realidade, e, às vezes, até sem muito fundamento na vontade salvadora Divina.

Desta maneira, na compreensão do leitor, o Reino pode ficar teologicamente desencarnado, ontologicamente um *a priori* histórico, e assim, um projeto que é: ou totalmente inalcançável [fuga *mundi*], ou bem totalmente realizável [no sentido de totalitarismo]. Isto seria observado como uma possível dupla presença do paradigma utópico, o qual aparece velado entre estas duplas experiências próprias do ser humano contemporâneo. Porém, Ellacuría afirma que:

Identificar demasiado a história da salvação com um determinado projeto histórico, pode levar ao esquecimento do que exige a reserva escatológica [...] Por exemplo, depois da passagem de Nabucodonosor a Ciro, a pesar da enorme alegria da liberdade de culto, não podiam identificar o projeto político persa com a religião de Israel. (ELLACURIA, 2000a, p.312)

Neste sentido, em outros textos também, ele acrescenta um apelo para uma função dos leigos com relação à práxis eclesial do Reino no mundo: “Assinalam-se dois eixos de reflexão: Aprofundamento do que o homem é hoje, e o estudo da resposta que a Igreja pode dar através dos leigos” (ELLACURIA, 2000a, p.160).

6 A TEOLOGIA DO REINO DE DEUS

Para Ellacuría, a teologia considerar-se-ia um momento ideológico prévio à práxis eclesial, o que exigiria ao crente uma coerência entre: o discurso do teólogo e a ação da experiência de Deus. Ou seja, entre o que se diz sobre Deus e o Reino que se faz no seu nome existe uma coerência. Por tal razão, a metodologia escolhida no desenvolvimento intelectual não seria aleatória, mas pelo contrário, intencionada e comprometedora da pessoa ou sujeito que no seu *sitz in leben* refletisse teologicamente.

Além do mais, esta teologia, ao se comprometer com a práxis eclesial terá a ver com que o Reino de Deus encontra-se no centro desta transformação histórica, aliás, sendo esta uma categoria teológica considerada central em todo discurso cristão. Portanto, em alguns textos posteriores aos anos 70, identifica-se uma reflexão teológica do Reino de Deus que pode-se ler indistintamente como utopia política (cf. ELLACURIA, 2000a, p.302), ou bem como carta fundacional da Igreja dos pobres. (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.415-437)

Neste sentido, é possível falar de uma ocorrência implícita do paradigma utópico, porquanto que o autor não é nem totalmente cego, nem totalmente ciente da coincidência entre

Reino e utopia na sua teologia. Mas que iria problematizar conforme aquela ambivalência do termo utopia: como história e meta-história. (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.277)

É conveniente dar um exemplo emblemático, visto que Ellacuría até que defendera o uso das categorias do marxismo como “luta de classes” e outras. Ele tenta esclarecer a relação utopia e Reino, afirmando que esse mesmo ideal utópico está no Reino de Deus, e nos futuros messiânicos dos profetas, onde devem desaparecer todas as desigualdades opressoras (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.493), para Ellacuría:

Verdade e práxis seriam categorias do marxismo, mas que em relação a TL, estas deveriam de ficar para além do marco contextual do partido político. Da mesma maneira, Luta de classes sociais considerar-se-ia um instrumento para a leitura da sociedade. (ELLACURIA, 2000a, p.465)

Em síntese, para ele: “[...] o sucesso da revolução política, embora que sempre leve em consideração certa utopia histórica, deveria de ser o mais conforme possível com as características do Reino de Deus” (ELLACURIA, 2000a, p.471). Em alguns textos sobre o Reino de Deus, incluem-se alguns elementos que conferem atualidade e realidade a esta elaboração teológica.

Além disso, considera-se o Reino de Deus como eixo central da teologia, ressaltando que, especificamente na Teologia da libertação, integraram-se elementos materiais como: a biologia, a economia, as políticas e a cultura (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.469-171). De fato, em um texto póstumo publicado pela Revista Latinoamericana de Teología 20, Ellacuría responde a uma instrução da Santa Sé sobre a TL, explicando como esta utiliza algumas categorias marxistas para desenvolver seu compromisso com a realidade. Este ponto é crucial pelo modo em que se expressa explicitamente a questão da identificação do Reino como uma questão ética que envolveria também uma utopia (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.463).

Esta teologia do Reino de Deus supõe uma base filosófica que traz consequências históricas à fé do teólogo, enquanto que leva a sério o valor performativo da linguagem teológica. Ou seja, esta teologia do Reino atingiria de maneira real e revolucionária a história na fé e na prática.

Mesmo assim, assinala-se que este Reino de Deus supõe que a revelação Divina aconteça na história como doação e recepção (ELLACURIA, 2000a, p.166). Essa consideração que introduz o fato que Deus somente se entregar à humanidade na história, e, ao mesmo tempo, Ele é recebido em tal situação e vulnerabilidade. A partir disto, acha-se pertinente assinalar que a condescendência Divina trata-se do processo da revelação dada no tempo dos homens, e lida a luz da cultura presente, coisa que não ficaria contradita pela teologia do Reino formulada por Ellacuría.

Por outro lado, a exigência de um método hermenêutico volta a ser lembrada a partir da articulação do Reino de Deus como uma teologia envolvida com a história dos povos.

Neste sentido, ao aproximar-se da realidade, deve-se alertar de um possível vazio da tensão escatológica, embora de ter advertido que: “Um discurso sobre o Reino de Deus que não entrasse em conflito com a maldade do mundo, não tem a ver com aquele que foi predicado por Jesus” (ELLACURIA, 2000a, p.180).

Constata-se a negação do passado e a afirmação do futuro, em detrimento ou omissão do presente em alguns textos como: “Utópica e esperançosamente só, é que será possível acreditar e ter ânimos para tentar, junto com todos os pobres e oprimidos do mundo, reverter a história, subvertê-la e lança-la noutra direção” (ELLACURIA, 2000a, p.180). Em tal ideia, conforme Lima Vaz, parece fazer-se presente o paradigma utópico, já que se trata do que ele identifica como a questão de fundo: “A separação estruturalmente ateia que se estabelece no plano da teologia da história e/ou ainda na leitura cristológica da História consequente e coerente” (ELLACURIA, 2000a, p.180).

Por outro lado, a afirmação posterior de Ellacuría foge de tal ocorrência ao afirmar um método teológico que zela pela unidade do Reino de Deus e sua presença na história: “Ver a história a partir do Reino e com a preocupação operante da sua realização, [o que] consistiria em colocar em contato fecundo dois lugares grávidos de revelação, e que, na sua unidade, dão à realidade sua plenitude e concreção histórica”. (ELLACURIA, 2000a, p.181)

O Reino de Deus, para Ellacuría, tem a ver com esta chamada utopia cristã, e pouco com a presença do paradigma utópico criticado por Lima Vaz, devido ao que prenuncia de maneira histórica a criação do homem novo, da terra nova, e do novo Céu (Cf. ELLACURIA, 1990, p.419). Encontra-se, neste ponto do artigo de *Utopia y profetismo*, uma descrição explícita do Reino de Deus, pois este, segundo Ellacuría, teria a ver com a plena realização da vontade salvadora e renovadora de Deus. Realização essa que é refletida justamente desde a história, transcendente enquanto visa a uma transformação desta conforme a imagem escatológica da Nova humanidade.

Aqui mesmo, no descompasso entre a teoria e a realidade histórica percebe-se fugazmente a ambiguidade da presença do paradigma utópico, e que ficaria sem fundamento na passagem da teoria à práxis transformadora da história. Contudo, o fio condutor deste desenvolvimento teológico esclarece sua posição na afirmação de que o ponto central é a opção preferencial pelos pobres. Isso se apoia novamente na tensão da liberdade do homem e justiça de Deus, sob a inspiração na realidade histórica da salvação do Cristo pobre: Mt 20, 25-28: “El Hijo del hombre, el hombre nuevo, no há venido a ser servido sino a servir y a dar su vida por los demás, por los muchos” (ELLACURIA, 1990, p.422):

25 Jesus, pois, chamou-os para junto de si e lhes disse: Sabeis que os governadores dos gentios os dominam, e os seus grandes exercem autoridades sobre eles. 26 Não será assim entre vós; antes, qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; 27e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo; 28 assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos. (Mt 20, 25-28)

7 O REINO, O PARADIGMA UTÓPICO E O PROFETISMO.

No pensamento de Ellacuría, a presença do paradigma utópico pode encontrar-se em alguns aspectos do Reino de Deus. Especialmente no vácuo de ambiguidade que parece ficar no espaço teórico, entre a oposição à injustiça presente na história passada, e a proposta de construção do Reino de Deus no futuro da história da humanidade.

Tal situação seria um espaço implícito na passagem do homem velho para o novo. Para Ellacuría, se trata do próprio da experiência profética, que nesta passagem transformadora, apresentam a manifestação de Deus a seu Povo, propondo uma libertação tanto religiosa como secular (Cf. ELLACURIA, 2000a, p.674).

Neste sentido, pode dizer-se que o profeta passa a ser o sujeito que encarna no seu discurso teológico a utopia como realização do Reino de Deus. Já na interpretação de Ellacuría estes se constituiriam os executores da construção do Reino, ou agentes da libertação. Eles são quem anunciam e prenunciam com seu exemplo a justiça de Deus, e que a sua vez, este seria possível por graças a esta liberdade.

Ora, no caso destes ‘profetas utópicos’, como chama de Ellacuría em “Utopia y profetismo”, percebe-se uma tensão que acontece plenamente na dinâmica do próprio sacrifício (a modo de Cristo): “Jo 3,3 Nascer de novo, Rom 6,3-5 incorporar a morte que dá vida, Jo 12,24 a semente de trigo que deve morrer, Ap 18,1ss a cidade velha destruída e surgimento da nova, a mudança de éon, a passagem do homem velho ao novo” (ELLACURIA, 1990, p.442).

Para nosso teólogo, esta mudança do velho ao novo consiste em um grito a partir da história, daí a importância dos profetas utópicos. No testemunho vivente, mostra-se a presença viva e histórica do Reino de Deus, portanto, do novo Céu, só que já não como mera idealização ou utopia fora da história, senão que nos pobres mesmos como parte deste novo Céu vivo na comunidade cristã. Enfim, este profeta na sua essência proclamaria radicalmente a liberdade e a justiça, ou seja, não só fazendo novas coisas, senão fazendo novas todas as coisas, já que o antigo sofre de uma injustiça inaceitável e crônica (ELLACURIA, 199, p.414).

Em consequência, a presença do Ideal utópico, no pensamento de Ellacuría, pode encontrar-se em um aspecto da teologia do Reino de Deus, assim como quando também se assinalam futuros messiânicos anunciados pelos profetas, onde devem desaparecer todas as desigualdades opressoras. Mas, devido ao caráter real desta justiça, expressa na teologia da Libertação, deveria produzir conflito quando for confrontada com a exigência da construção do Reino de Deus nesta história.

Se o profeta não entrara no conflito, se produz uma presença do paradigma utópico, porém contrário com a teologia de Ellacuría. Uma proposta de um horizonte de transformação da história, porque, com a presença da humanidade do profeta, fica expressa a urgência escatológica que acolhe aos pobres como sacramento de libertação hoje. Portanto, resultando uma ausência do paradigma utópico: “O profetismo utópico apontaria para uma nova

forma de liberdade e humanidade no processo histórico do Reino de Deus na libertação” (ELLACURIA, 1990, p.244).

CONCLUSÃO

Em conclusão, gostaria de expressar duas ideias gerais sobre: a presença do paradigma utópico no momento ideológico da utopia, a ausência do paradigma utópico nas concreções históricas da práxis eclesial, e em ultimo lugar, uma opinião pessoal sobre o desafio que levantaria esta tensão da utopia no seu uso teológico em Ellacuría.

Primeiramente, afirma-se a transitoriedade da presença do Paradigma utópico na utopia de Ellacuría, a qual fica, em todo momento, relacionada com o Reino de Deus. Além disso, tal característica permitiu-lhe afirmar a Utopia como: a passagem entre, os lugares esvaziados de Deus, e a realização histórica do Reino de Deus, enfim, um perecível e limitado momento ideológico do que a teologia de Ellacuría visa com insistência escatológica, uma práxis eclesial comprometida com os favoritos de Deus:

“Felizes os pobres [porque] seu é o Reino de Deus

[...] felizes os famintos [porque] serão saciados

[...] Seu é o Reino de Deus [porque] são pobres,

[...] e serão saciados [porque] estão famintos”. (ELLACURIA, 2000b, p.435)

Na sua própria biografia, percebe-se a dificuldade da sua reflexão, pelo contexto de violência institucionalizada, o qual, somente a partir deste primeiro momento ideológico, pode dar passagem à práxis eclesial da justiça do Reino de Deus. Enfim, uma ambivalência do termo utopia, pois, ao mesmo tempo em que é nascido da história, diz uma meta-história que se projeta para voltar a transformá-la.

Em segundo lugar, a ausência do Paradigma utópico não se contradiz com o uso da palavra utopia por Ellacuría, já que em vista da construção do Reino de Deus, esta fugaz ocorrência do paradigma utópico fica limitada ao momento ideológico da utopia e não ao estrito uso da palavra. Por isso, a sequência expressada por ele limita a presença, e, ao invés, obriga à ausência do paradigma utópico⁷:

i. Há uma utopia cristã geral e indefinida. (Presença do PU)

ii. Essa utopia geral deve concretizar-se no histórico e social. (Ausência do PU)

iii. Essa utopia está em relação ao Reino de Deus. (Ausência do PU)

7 Paradigma Utópico: PU

iv. O Reino de Deus deve historizar-se. (Ausência do PU)

v. O Reino de Deus se faz operante pelo dinamismo da utopia concreta. (Ausência do PU) (ELLACURIA, 1990, p.395)

A presença do Paradigma utópico fica limitada no ponto primeiro, e a partir deste, o que prevalece é a sua ausência. Portanto, onde tudo é geral e indefinido estabelece-se aquilo da ordem do que não é realizável, pois, a partir do segundo, embora da insistência no uso da palavra utopia, já se haveria introduzido o concreto e realizável do histórico e social, ou seja, na ausência do Paradigma utópico que, pela definição lembrada por Lima Vaz: “[...] não é realizável” (VAZ, 1984, p.11), deve desaparecer para deixar ao Reino acontecer na história.

Na opinião pessoal, consideram-se inseparáveis a utopia do profetismo, pois, para Ellacuría, de não ser assim, perder-se-ia a historicidade, e resultaria um mero escape idealista e ateio do teólogo, nem renovador e nem libertador. Porém, considera-se ao teólogo um comprometido com a realidade, onde na sua pessoa se reconhece uma complementaridade crítica, entre utopia e profetismo. Tal situação do sujeito levanta a questão existencial na comunidade, porque é -pela e na- cultura e situação desta, que o Reino de Deus pode e vai acontecer, embora das situações difíceis, sempre e quando a utopia possibilite ver para além do *status quo* da violência para transformá-la na salvação viva de Deus:

[...] A negação profética de uma Igreja que é Céu velho numa civilização da riqueza e o império, e a afirmação utópica da Igreja como novo Céu de uma civilização da pobreza, são a queixa irrecusável dos sinais dos tempos, e da dinâmica soteriológica da fé cristã historizada em homens novos, que, na escuridão seguem anunciando com firmeza um futuro sempre melhor, porque para além de todo futuro histórico, se visa o Deus Salvador e libertador. (ELLACURIA, 1990, p.442)

O profeta é este homem novo, e por sobre todo, tudo aquele que se anime a construir na sua vida o Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

LIMA VAZ, Henrique. *Cristianismo e pensamento utópico*. Belo Horizonte: Revista Síntese, 1984. Vol. 11, Nº 32 Pp. 5-19. Consultada on line 7 março 13:30 em: [<http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/view/2091>]

ELLACURÍA, Ignacio. *Mysterium Liberationis*. Madrid: Trotta, 1990. Vol. 1.

Artigo: “Utopía y profetismo desde América Latina. Un ensayo concreto sobre soteriología histórica”. Pp. 393-442.

_____. *Escritos políticos Vol. I*. San Salvador: UCA Editores, 1991.

“Factores endógenos del conflicto centroamericano: crisis económica y desequilibrios sociales”
Pp. 139-172

_____. *Escritos teológicos Vol. I*. San Salvador: UCA Editores, 2000. (a)

“El desafío cristiano de la teología de la liberación” Pp. 19-36

“La teología como momento ideológico de la praxis eclesial” Pp. 163-186

“Hacia una fundamentación del método teológico latinoamericano” Pp. 187-218

“El método de la teología latinoamericana” Pp. 219-234

“Relación teoría y praxis en la teología de la liberación” Pp. 235-248

“Teología política hace 400 años?” Pp. 253-258

“Los laicos interpelan a su Iglesia” Pp. 259-266

“Progreso y revolución” Pp. 267-270

“Tesis sobre posibilidad, necesidad y sentido de una teología latinoamericana” Pp. 271-302

“Teorías económicas y relación entre cristianismo y socialismo” Pp. 303-312

“Teología de la liberación frente al cambio socio-histórico en América Latina” Pp. 313-346

“La construcción de un futuro distinto para la humanidad” Pp. 347-354

“El desafío de las mayorías pobres” Pp. 355-364

“Teología de la liberación y marxismo” Pp. 461-498

“Marxismo y cristianismo” Pp. 499-508

“Es conciliable el análisis marxista con la fe cristiana?” Pp. 509-518

“Historia de la salvación en la historia” Pp. 519-534

“Historia de la salvación cristiana” Pp. 535-596

“Historia de la salvación” Pp. 597-528

“En torno al concepto y a la idea de liberación” Pp. 629-658

“Anuncio del reino y credibilidad de la Iglesia” Pp. 659- 689

_____. *Escritos teológicos Vol. II*. San Salvador: UCA Editores, 2000. (b)

“Carácter político de la misión de Jesús” Pp. 13-32

“Dimensión política del mesianismo de Jesús” Pp. 33-66

“Por qué muere Jesús y por qué lo matan?” Pp. 67-88

“La fe pascual en la resurrección de Jesús” Pp. 89-94

“Escatología e historia” Pp. 95-124

“Contraportada de J Sobrino, Jesús en América Latina” Pp. 125-126

“Una obra importante” Pp. 127-132

“Discernir ‘el signo’ de los tiempos” Pp. 133-136

“El pueblo crucificado. Ensayo de soteriología histórica” Pp. 137-170

“Pobres” Pp. 171-192

“Aporte de la teología de la liberación a las religiones abrahámicas en la superación del individualismo y del positivismo” Pp. 193-232

“El reino de Dios y el paro en el tercer mundo” Pp. 295-306

“Recuperar el reino de Dios: desmundanización e historización de la Iglesia” Pp. 307- 316

“Iglesia como pueblo de Dios” Pp. 317-342

“La Iglesia que nace del pueblo por el espíritu” Pp. 343-356

“El verdadero pueblo de Dios, según monseñor Romero” Pp. 357-396

“La Iglesia, signo de contradicción” 397-416

“Las bienaventuranzas, carta fundacional de la Iglesia de los pobres” Pp. 417-438

“El auténtico lugar social de la Iglesia” Pp. 439-452

“La Iglesia de los pobres, sacramento histórico de liberación” Pp. 453-486

“Notas teológicas sobre religiosidad popular” Pp. 487-500

“La Iglesia y las organizaciones populares en el Salvador” Pp. 683-704

KANT, Immanuel. *Crítica del juicio*. Madrid: Espasa-Calpe, S.A. Editores. 1977.